

— Damião Borges Marins —

ALCOOLISMO: NO LIMITE DO VÍCIO



da série:

Alcoolismo

“Cura” através da conscientização

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Alcoolismo: no limite do vício

Damião Borges Marins

2017

Alcoolismo: no limite do vício

Damião Borges Marins

Data da publicação: 28 de julho de 2017

CAPA: Keli Cristina Fávoro
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

M294al Marins, Damião Borges, 1949-
Alcoolismo: no limite do vício / Damião Borges Marins; revisão
de Astolfo Olegário de Oliveira Filho; capa de Keli Cristina Fávoro.
Londrina, PR : EVOC, 2017.

44 p.

1. Alcoolismo - condições sociais. 2. Alcoolismo - condições
psicológicas. I. Oliveira Filho, Astolfo Olegário de. II. Fávoro, Keli
Cristina. III. Título.

CDD 362.2926
19.ed.

Sumário

Agradecimentos,	5
Prefácio,	6
Alguns esclarecimentos,	10
O adolescente e o problema das drogas,	12
Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém,	17
Introdução,	21
Capítulo I,	22
Capítulo II,	25
Capítulo III,	27
Capítulo IV,	30
Capítulo V,	33
Epílogo,	36
Pequena autobiografia,	39
Informações adicionais,	42
Glossário,	44

Agradecimentos

Agradeço a Deus em primeiro lugar, a Jesus nosso Divino Mestre, por ter conseguido recuperar minha saúde e voltar às atividades profissionais e às tarefas nas casas espíritas, dando-me condições de concluir este livro, o quarto da série “Alcoolismo: Cura, através da conscientização”.

Agradeço a nossa querida irmã em Cristo, Heleína Carrion que, gentilmente, colaborou com a correção ortográfica desta obra, bem como a nossa irmã Patrícia Costa Machado que fez o prefácio.

O Autor

Prefácio

Satisfação foi a única palavra que encontrei para descrever a oportunidade que me foi ofertada de apresentar esta obra que tanto nos faz refletir sobre as causas e as consequências do alcoolismo na juventude.

O nosso grande amigo de ideal espírita e autor desta obra deixa-nos claro, nas obras anteriores, que o alcoolismo é uma doença provocada por múltiplos fatores e que a Organização Mundial de Saúde o define como uma doença incurável, progressiva e, na maioria das vezes, fatal.

Atualmente, tenho a bendita oportunidade de acompanhá-lo nas reuniões do MERA (Movimento Espírita de Recuperação aos Alcoólatras) com o grupo de apoio no Instituto Allan Carlos e conviver com pessoas que se esforçam diariamente para vencer o alcoolismo.

Trata-se de uma experiência gratificante, ver que todos os participantes do grupo de apoio, cada um dentro do seu limite e do seu entendimento, buscam seguir os passos trabalhados no grupo: *“conscientização, evitar o primeiro gole, mudança de hábitos, frequentar um grupo de apoio e religiosidade.”*

Veza ou outra, quando algum dos participantes tem a coragem de relatar sua história, notamos que o álcool se fez presente em sua vida logo na adolescência, muitas vezes oferecido, direta ou indiretamente, em casa pelos próprios pais. E, agora na fase adulta, encontra-se perdido, desamparado e sem perspectivas, desacreditado de si mesmo, não vendo alternativa para desviar-se dos descaminhos.

Nós, enquanto estudantes e seguidores da consoladora Doutrina Espírita, buscamos as respostas e as explicações para essas situações e compreendemos que tais respostas nos trazem diversas possibilidades de explicação para justificar a condição atual desses irmãos envolvidos no vício do álcool, mas não podemos deixar de mencionar que todos somos detentores da nossa livre escolha.

A célebre frase de Paulo de Tarso, numa de suas cartas aos Coríntios, é citada nesta obra com pertinência.

“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”, afirmou o apóstolo dos gentios.

Podemos refletir, brevemente, sobre esta frase de impacto que o apóstolo Paulo nos deixou.

Qual o sentido que ela nos traz ao abordarmos os assuntos juventude, alcoolismo e uso de drogas em geral?

Paulo de Tarso apresenta em tal frase a liberdade que temos de escolher os caminhos que queremos trilhar e as decisões que tomaremos. Porém, ao termos a consciência do certo e do errado, do legal e do ilegal, da conveniência

e da oportunidade, do querer, do poder e do dever, precisamos ser cautelosos com o uso do nosso livre arbítrio, pois seremos os únicos responsáveis pelas escolhas que fizermos.

No processo de crescimento e amadurecimento intelectual e moral do ser humano, ou seja, do espírito encarnado, a juventude é a fase em que a autonomia se estabelece aos poucos e dá ao jovem a liberdade de escolha, a possibilidade de exercer sua vontade.

O jovem se sente capaz de algo ou de tudo, mas nem sempre esse “algo” ou esse “tudo” deverá ser feito.

A juventude tem as portas do mundo abertas e convidativas para as mais variadas situações, diversões e sensações e, nesse turbilhão de oportunidades e possibilidades, a presença dos pais para auxiliar e conduzir o jovem às melhores escolhas torna-se fundamental.

A família deve, ou deveria ser para o jovem o bálsamo que alivia suas dores nos processos dolorosos, resultados dos caminhos errados; aliás, a família quando solidificada em alicerces cristãos, tem condições de incentivar e conduzir os jovens às boas escolhas.

Poderemos, no decorrer da leitura, analisar as escolhas do personagem desta história e refletir sobre a importância do conhecimento da Doutrina Espírita, dos ensinamentos cristãos e do Alcoolismo, para alertarmos os jovens a não seguirem por esse caminho doloroso e triste do vício das drogas e para que tenhamos o conforto e o alívio para

oferecer aos irmãos que estiverem dispostos a seguir um novo caminho, livre do vício do álcool e de outras drogas.

Patrícia C. Machado

Enfermeira Especialista em Atenção Básica

Alguns esclarecimentos

No primeiro livro, *“Alcoolismo, ‘cura’, através da Conscientização”*, dividido em quatro partes, trazemos informações técnicas sobre a realização das terapias de grupo, orientações de como formar e conduzir um grupo de apoio, esclarecimentos espíritas e muitos outros conhecimentos que envolvem o tema. Na quarta parte, estão os depoimentos de alcoólatras em recuperação que, por meio do processo de conscientização, venceram o vício.

No segundo livro da série, *“Meu marido é um alcoólatra”*, trazemos uma história que retrata as situações pelas quais passam as mulheres de alcoólatras. O sofrimento, a insegurança e as angústias, tudo baseado nas experiências que nos foram relatadas, nesses trinta e um anos de trabalho com alcoolismo em grupos de apoio, dentro das casas espíritas, onde ouvimos muitos depoimentos de mulheres e familiares de alcoólatras. Trata-se de uma história fictícia em que os nomes e as datas foram colocados aleatoriamente.

No terceiro livro *“Alcoolismo as histórias que eles contam”*, apresentamos relatos de situações jocosas, tristes e dramáticas que o alcoolismo acarreta aos seres no decorrer de suas vidas, sempre com um comentário nosso nos finais de cada situação narrada.

Nesta obra, *“Alcoolismo, No limite do vício”*, o quarto livro da série, procuramos contar uma nova história fictícia, mas com dados reais tirados do dia a dia dos alcoólatras, sobre um garoto, que no auge dos seus quinze anos, foge de casa em busca de si mesmo e encontra, como companhias, o alcoolismo e as drogas.

O Autor

O Adolescente e o Problema das Drogas

Joanna de Ângelis (autora espiritual)

Entre os impedimentos para a autoidentificação, no período da adolescência, destaca-se a rejeição.

Caracterizado pelo abandono a que se sente relegado o jovem no lar, esse estigma o acompanha na escola, no grupo social, em toda parte, tornando-o amargurado e infeliz. Sentindo-se impossibilitado de autorrealizar-se, o adolescente, que vem de uma infância de desprezo, foge para dentro de si mesmo, rebelando-se contra a vida, que é a projeção inconsciente da família desestruturada, e contra todos, o que é uma verdadeira desdita. Daí ao desequilíbrio, na desarmonia psicológica em que se encontra, é um passo.

Os exemplos domésticos, decorrentes de pais que se habituaram a usar medicamentos sob qualquer pretexto, especialmente Valium e Librium, como busca de equilíbrio e de repouso, oferecem aos filhos estímulos negativos de resistência para enfrentar desafios e dificuldades de toda a natureza. Demonstrando incapacidade para suportar esses problemas sem a ajuda de químicos ingeridos os pais abrem espaço na mente da prole, para que, ante as dificuldades, fuja para os recantos da cultura das drogas que permanece em voga.

Por outro lado, a exuberante propaganda, a respeito dos indivíduos que vivem buscando remédios para quaisquer pequenos achaques, sem o menor esforço para vencê-los através dos recursos mentais e atividades diferenciadas, produz estímulos nas mentes jovens para que façam o mesmo, e se utilizem de outro tipo de drogas, aquelas que se transformaram em epidemia que avassala a sociedade e a ameaça de violência e loucura.

O alcoolismo desenfreado, sob o disfarce de bebidas sociais, leva os indivíduos a estados degenerativos, a perturbações de ordem variada, tornando-se fator predisponente para as famílias seguirem o mesmo exemplo, particularmente os filhos, sem estrutura de comportamento saudável. O tabagismo destruidor, inveterado, responde pelas enfermidades graves do aparelho respiratório, criando dependência irrefreável, transformando-se em estímulo nas mentes juvenis para o uso de tais bengalas psicológicas que são portas de acesso a outras substâncias químicas mais perturbadoras.

A utilização da maconha, sob a justificativa de não ser aditiva, é apresentada como uma droga de consequências suaves e sem perigo de maiores prejuízos; com muita propriedade, ela é também denominada erva do diabo, já que cria no organismo estados de dependência que facultarão a utilização de outras substâncias mais pesadas que dão acesso à loucura e ao crime, em desesperadas deserções da realidade, na busca de alívio para a pressão angustiante e devoradora da paz.

Todas essas drogas tornam-se convites-soluções para os jovens desequipados de discernimento, que se lhes entregam inermes, tombando, quase irremissivelmente, nos seus vapores venenosos e destruidores que só a muito custo conseguem superar, após exaustivos tratamentos e esforço hercúleo.

Os conflitos de qualquer natureza constituem os falsos motivos para que o indivíduo se atire ao uso e abuso de substâncias perturbadoras, hoje ampliadas com os barbitúricos, a heroína, a cocaína, o crack e outros opiáceos. E não faltam conflitos na criatura humana, principalmente no jovem que, além dos fatores de perturbação já referidos, sofre a pressão dos companheiros e dos traficantes que se encontram nos seus grupos sociais com o fim de aliciá-los; a rebelião contra os pais, como forma de vingança e de liberdade; a fuga das pressões da vida, que lhe parece insuportável; o distúrbio emocional, entre os quais se destacam os de natureza sexual...

A educação no lar e na escola constitui o valioso recurso psicoterapêutico preventivo em relação a todos os tipos de drogas e substâncias aditivas, desvios comportamentais e sociais, bengalas psicológicas e outros derivativos.

A estruturação psicológica do ser é o recurso de segurança para o enfrentamento de todos os problemas que constituem a existência terrena, realizando-se em plenitude, na busca dos objetivos essenciais da vida e outros que são conseqüências dos primeiros.

Quando se está desperto para as finalidades existenciais que conduzem à autorrealização e ao conhecimento de si mesmo, todos os problemas são enfrentados com naturalidade e paz, porquanto ninguém amadurece psicologicamente sem as lutas que fortalecem os valores aceitos e propõem novas metas a conquistar.

Os mecanismos de fuga pelas drogas, normalmente produzem esquecimento, fugas temporárias, ou sentimento de maior apreciação da simples beleza do mundo, o que é de duração efêmera, deixando pesadas marcas na emoção e na conduta, no psiquismo e no soma, fazendo desmoronar todas as construções da fantasia e do desequilíbrio.

É indispensável oferecer ao jovem valores que resistam aos desafios do cotidiano, preparando-o para os saudáveis relacionamentos sociais, evitando que permaneça em isolamento, o que o empurrará para as fugas, quase sem volta, do uso das drogas de todo tipo, pois que essas fugas são viagens para lugar nenhum.

Sempre se desperta desse pesadelo com mais cansaço, mais tédio, mais amargura e saudade do que haja experimentado, buscando retomar a qualquer preço, destruindo a vida sob os aspectos mais variados.

Por fim, deve-se considerar que a facilidade com que o jovem adquire a droga que bem lhe aprouver, tal a abundância ao seu alcance, constitui-lhe provocação e estímulo, com o objetivo de fazer a própria avaliação de resultados pela experiência pessoal. Como se, para

conhecer a gravidade e o perigo de qualquer enfermidade, fosse necessário sofrê-la, buscando a contaminação e deixando-se infectar. A curiosidade que elege determinados comportamentos desequilibradores já é sintoma de surgimento da distonia psicológica, que deve ser corrigida no começo, a fim de que a pessoa seja poupada de maiores conflitos ou de viagens assinaladas por perturbações de vária ordem.

Em todo esse conflito e fuga através das drogas, o amor desempenha um papel fundamental, seja no lar, na escola, no grupo social, no trabalho e em toda parte, para evitar ou corrigir o seu uso e o comprometimento negativo.

O amor possui o miraculoso condão de dar segurança e resistência a todos os indivíduos, particularmente os jovens, que mais necessitam de atenção, de orientação e de assistência emocional com naturalidade e ternura.

Diante do desafio das drogas, a terapia do amor, ao lado das demais especializadas, constitui recurso de urgência, que não deve ser postergado a pretexto algum, sob pena de agravar-se o problema, tornando-se irreversível e de efeitos destruidores.

*Do livro **Adolescência e Vida**, do Espírito Joanna de Ângelis, obra psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco. LEAL.*

“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém.”

Paulo, Apóstolo de Jesus (1ª Carta aos Coríntios, capítulo 6, versículo 12.)

Por que as pessoas se drogam?

Por que, em especial, os jovens se drogam?

Essas perguntas vêm sendo feitas por familiares, Psiquiatras, Psicólogos e Terapeutas há muito tempo. A resposta está na célula “família”. Se tivermos uma família equilibrada, o índice de droga-adictos será quase zero, mas se a família for desajustada, emocional e moralmente, poderemos ter altos índices de droga-adictos.

Na maioria das vezes, o jovem funciona como o termômetro da família; se um jovem cai doente, é porque alguma coisa não está bem com a família; a doença que o jovem apresenta pode ser de ordem física ou psíquica.

Exemplificamos: Se o jovem se alimenta mal, pode haver um desarranjo intestinal, atingindo seu organismo físico; mas se seus pais passam a discutir diuturnamente, não havendo o respeito mútuo, criando uma psicofera nociva em que impera o desequilíbrio emocional, cada um envolvido em seus problemas mundanos, o jovem se sentirá abandonado e o seu *psique* fará com que fique doente para chamar a atenção dos seus pais. Ou seja, a atmosfera familiar em desequilíbrio pode desencadear, em

qualquer membro da família, doenças da alma que serão refletidas no corpo físico, dando sinais de que algo não está bem. Entendemos que o jovem é mais propenso a manifestar tais desajustes.

Muitos filhos se drogam para chamar a atenção dos pais com a intenção de mostrarem que também existem e fazem parte da família, que têm opiniões e sentimentos. Quantos casos como esses nós já tomamos conhecimento. A novela “O Clone”, da Rede Globo, retratou muito bem essa situação no papel da personagem “Mel”, representada pela atriz Débora Falabella e seus amigos.

Voltemos à família. Se os pais fazem uso do cigarro, da bebida alcoólica, fumam um baseado de vez em quando “socialmente”, é claro, os seus filhos terão noventa por cento de chance de se tornarem usuários das mesmas drogas ou de drogas ainda mais destrutivas. Outro fator preponderante denomina-se “amigos”; Jesus disse: - *diz-me com quem andas, que direi quem tu és*; e André Luiz, mentor espiritual de Chico Xavier, complementa: - *Diz-me o que pensas, que direi com quem tu andas*.

Em nosso livro – “Alcoolismo, ‘cura’, através da conscientização”, nós fizemos menção sobre a “sintonia”, e não poderíamos deixar de falar sobre ela, pois é de fundamental importância entender tal situação: Se sou um músico, procurarei estar em sintonia com a música e, conseqüentemente, com aqueles que gostam de música; se sou um agricultor, procurarei sempre estar em contato com pessoas que trabalham com a terra; se sou um

professor de matemática, estarei sempre ligado a pessoas que gostam de matemática e, assim, sucessivamente.

Voltemos ao nosso jovem... Se ele não tem apoio dos pais em casa, se ele se sente sozinho, vejam bem, quando falo sozinho, não é fisicamente, mas ele se sente só, sem “AMOR”, sem “CARINHO”, desamparado, ele começa a procurar estes sentimentos fora de casa; nesse momento, os nossos irmãos chamados de “traficantes” se aproximam do nosso jovem oferecendo Amor, Carinho e “DROGAS”, e se este jovem não tiver uma estrutura interior forte, acabará provando a droga e, por meio da convivência (sintonia), ele se tornará um dependente.

Temos mais um agravante nesse processo que não poderíamos deixar de citar, trata-se da “OBSESSÃO”.

A Doutrina Espírita vem estudando, com muita propriedade, a Obsessão há mais de 145 anos, e nos mostra o relacionamento dos espíritos desencarnados com os espíritos encarnados; através da sintonia, espíritos que já deixaram o seu corpo físico (desencarnaram) permanecem fazendo no plano espiritual o que faziam aqui, no plano material, ou seja: se bebiam e se drogavam, continuam fazendo o mesmo no plano espiritual, procurando um companheiro (encarnado) para poder se locupletar da mesma forma que o fazia como encarnado.

Podemos citar o caso de Cláudio Nogueira, narrado por André Luiz no livro “Sexo e Destino”, psicografia de Chico Xavier. Cláudio é assediado por desencarnados em seu apartamento, os quais lhe instigavam a fazer uso do álcool

para terem suas vontades satisfeitas. Este caso foi denominado pelo autor como “enxertia fluídica”.

Não queremos nos aprofundar neste assunto, mas a Doutrina Espírita tem vasta literatura que poderá esclarecer aos interessados a respeito dessa temática. No livro *“Grilhões Partidos”*, ditado pelo espírito Manoel Filomeno de Miranda a Divaldo Pereira Franco, digno tribuno Espírita, o leitor amigo poderá encontrar subsídios elucidativos.

Os jovens são como diamantes que a família tem que lapidar; são espíritos eternos colocados em nossas mãos para que possamos encaminhá-los, ajudá-los e orientá-los; são espíritos que retornam a este mundo trazendo sua bagagem intelectual e moral de existências pretéritas, muitas vezes já ligados às drogas e que são colocados em nossas mãos para encaminhá-los ao caminho reparador. Podem ser espíritos desencaminhados por nós no passado, que agora voltam na roupagem de filhos para que possamos reparar nossos erros e encaminhá-los ao caminho certo novamente.

Por isso, entendemos estar na família a resposta para tudo isso. Família equilibrada, filhos equilibrados; família desequilibrada, filhos desequilibrados.

Introdução

Meu nome é Roberto, sou espírita e trabalho há trinta e um anos na recuperação de Alcoólatras dentro de hospitais psiquiátricos e em casas espíritas, mais precisamente com grupos de apoio. Nesses anos de trabalho tenho visto de tudo, mas o que mais me chamou atenção foi o caso de “Antônio Alves”.

Entre os trabalhos que desenvolvemos, destaca-se o Movimento Espírita de Recuperação aos Alcoólatras (MERA) dentro do hospital espírita Maria de Nazaré, onde procuramos passar alguns valores aos dependentes, tais como *conscientização, evitar o primeiro gole, mudanças de hábitos, frequentar grupos de apoio*, bem como Evangelização, Fluidoterapia e Religiosidade. Foi numa reunião do Mera que tive a graça de conhecer Antônio.

No decorrer da reunião, cada participante dá o seu depoimento de livre e espontânea vontade. Naquele dia notei a presença de um novo componente no grupo. Sim, era ele: Antônio. Passaram-se várias reuniões e Antônio não falava nada, mas sempre atento a todos os detalhes, não perdendo nenhum depoimento, até que, certo dia, eu perguntei a ele se não queria dar seu depoimento; foi quando ele se encheu de coragem e começou a contar:

Capítulo I

Nasci em 1949, em uma família muito rica, lá pelas bandas de Goiânia-Go. Meu pai, Sr. Gersindo Alves, era um grande fazendeiro; tinha um grande rebanho de gado, sendo conhecido na região como “Rei do Gado”.

Filho único, desde pequeno eu fui criado pelas empregadas da casa, pois minha mãe, Dona Neuza, não tinha tempo para mim, pois estava sempre voltada para os eventos sociais.

Quem sempre cuidou de mim foi Dona Benta, uma doce senhora, governanta da casa, que desde que nasci cuidava de mim.

Em nossa casa, sede da fazenda, sempre havia muitas festas regadas com muita bebida. Meu pai bebia muito e, quase sempre, discutia com minha mãe e, vez ou outra, costumava agredi-la fisicamente. O tempo passava e em todas as festas era sempre a mesma coisa.

Eu estudava em um colégio particular na cidade onde era sempre motivo de chacotas pelos meus colegas de classe, pois os comentários sobre meus pais eram sempre os mesmos, enaltecendo que eles eram muito festeiros e irresponsáveis.

O tempo passou, eu já estava com 15 anos, e as coisas não mudavam: muitas festas e muita bebida.

Certo dia, em uma das festas organizadas pelo meu pai, eu estava perambulando pela casa, quando ouvi, ao longe, gargalhadas que vinham do quarto de uma das empregadas. Fui até lá e qual não foi minha surpresa ao deparar com minha mãe nos braços do capataz, em trajas íntimos.

Fiquei tão atônito com o que via que não sabia o que fazer. Saí correndo, desesperado para o quintal da casa e, dali, tomei o caminho da estradinha que levava à rodovia que ia para a cidade. Parei somente quando caí no chão, de tanto cansaço.

Não sei por quanto tempo fiquei ali meditando sobre a minha vida. Chorei muito e, depois de muito chorar, tomei uma decisão muito difícil: iria embora de casa, tomaria o rumo do mundo, não queria saber mais daquela situação, pois nem meu pai e nem minha mãe tomavam conhecimento de minha vida. Eu tinha tudo o que queria, menos o amor dos meus pais.

Voltei para casa e fui para o meu quarto; peguei algumas peças de roupas, agasalhos e coisas de uso pessoal e coloquei tudo numa mochila.

Saí do quarto e, sem me fazer notado, peguei alguns trocados que estavam na estante da cozinha e, sorrateiramente, saí a caminho da estrada sem rumo e sem documento.

Naquele momento, o que eu mais queria era ficar longe de tudo aquilo e bem longe de meus pais.

Depois de andar alguns quilômetros pela estrada, consegui uma carona com um caminhoneiro que me levou até São Paulo, a grande capital do estado de São Paulo.

Capítulo II

Já era noite, quando chegamos a São Paulo. Era tudo diferente: cidade grande, pessoas diferentes e indiferentes para com a gente.

O caminhoneiro me deixou no famoso Parque D. Pedro; desci do caminhão apavorado, pois não tinha para onde ir.

Comecei a perambular pelas ruas das redondezas, mas a fome começou a apertar; já era tarde da noite, então me deparei com um bar cheio de gente. Eu tinha trazido alguns trocados que consegui pegar antes de sair de casa; então, entrei no bar e pedi um lanche e um guaraná; comi com muito prazer, pois estava morto de fome.

Na hora de pagar, peguei o meu dinheiro que estava na mochila e paguei o dono do bar, mas não verifiquei que estava sendo observado por um grupo de rapazes que me espreitavam afoitos. Saí do bar e, quando estava andando a algumas quadras dali, fui abordado pelos rapazes que levaram tudo o que eu tinha, inclusive minha mochila e ainda me bateram.

Sem ter para onde ir, sem dinheiro, sem roupa, me desesperei e comecei a chorar. Chorei muito, nem sei por quanto tempo; foi então que comecei a lembrar de minha casa, de minha mãe, meu pai e, principalmente, de dona Benta, minha querida governanta. Lembrava-me de tudo o

que tinha na fazenda, apesar dos acontecimentos sofridos lá.

Foi quando uma mulher me abordou, perguntando-me o que estava acontecendo e eu lhe contei tudo. Tal senhora disse, então, que morava na rua, debaixo de um viaduto, em um barraco, e tomada de uma grande compaixão, perguntou se eu queria ir morar com ela. Como não tinha nenhuma outra opção melhor, prontamente aceitei.

Capítulo III

O barraco que me serviria de abrigo era feito de pedaços de caixas de madeira, colhidas nas indústrias e comércio da redondeza e ficava nas cercanias do grande parque Dom Pedro.

Laura, a mulher que me acolheu, era ainda jovem, aparentava ter uns 30 anos.

Naquela noite, ela preparou um cantinho no barraco para mim e conversamos quase a noite toda; contei a ela toda a minha história, todo o meu sofrimento com a vida que levava junto aos meus pais.

Laura me disse que se fosse meu desejo poderia ficar com ela, pelo tempo que quisesse, pois seu companheiro havia lhe abandonado já fazia algum tempo.

No outro dia de manhã, ela me deu algumas roupas deixadas pelo seu companheiro, e me disse que depois arrumaríamos mais, se fosse necessário.

Havia se passado dois anos da minha chegada à grande capital. Estava com dezessete anos e, na escola da vida, tinha aprendido a fumar, a beber e havia até experimentado outras drogas, chamadas de mais pesadas, no círculo de amizades que criei junto a Laura.

De dia catávamos materiais recicláveis tais como papel, papelão, latinhas de alumínio e ainda pedíamos esmolos; de noite, gastávamos tudo o que tínhamos com drogas e com álcool.

Certa vez, estávamos num bando fazendo algazarra pela rua, quando fui convidado pelos meus amigos a roubar uma padaria. O roubo não deu certo e fomos todos presos e encaminhados para a FEBEM, atual Fundação Casa.

E assim, encaminhado para uma cela onde havia vários jovens, logo fui abordado por três jovens que me levaram à presença de um rapaz que se intitulava “o rei do pedaço”. Ele, de imediato, alertou-me que quem mandava ali era ele e eu teria que lhe obedecer, senão ele me mataria; disse, ainda, que se eu contasse a algum dos monitores sobre isso, também seria morto.

Não precisei de muito tempo para aprender que ali havia várias gangues que comandavam as “bocas de fumo”, como chamavam e, de vez em quando, havia confronto entre eles e, quase sempre, morria um ou outro esfaqueado.

Aquele ambiente foi a grande escola do crime: muitas drogas, álcool, sexo desregrado e, a cada dia, eu me degradava mais.

Havia se passado alguns meses da minha condição de detento, quando certo dia, com ajuda de um monitor que eu comprara por uns míseros trocados, consegui sair daquele ambiente de clausura e voltar para as ruas.

Voltei a procurar Laura que me recebeu de braços abertos. Apesar de alcoólatra e drogada, ela era única pessoa em que eu podia confiar.

O tempo passava e nós continuávamos naquela mesma vida de mendigar de dia para, à noite, nos entregar aos vícios. Havia dias em que não conseguia sequer sair do barraco, pois estava muito debilitado, sendo consumido pelo álcool e pelas drogas que usávamos.

Certo dia, quando voltava de uma das minhas peregrinações, deparei-me com um movimento esquisito em frente ao barraco em que morávamos.

Ali chegando, desesperei-me ao saber da morte de Laura por “overdose”. Fiquei muito chocado com o acontecimento, pois Laura era a única pessoa que eu tinha como se fosse da minha família.

Foi muito triste ver Laura ser enterrada como indigente, pois ela também não tinha família, nem documentos, a não ser a companhia daqueles que, como eu, bebia e usava drogas com ela.

De volta ao nosso barraco, passei vários dias somente vivendo para beber. Várias semanas se passaram, quando resolvi sair da capital e me aventurar pelo interior do estado. Juntei algumas coisas que tinha e, por uns míseros trocados, acabei entregando o barraco para um daqueles que costumavam sair conosco em nossas peregrinações pelos bairros de São Paulo.

Capítulo IV

Aventurei-me pelas estradas como um autêntico andarilho, passando por várias cidades, esmolando para poder sustentar o meu vício. Quando podia, comia; quando não, substituía a comida pelo álcool.

Certa vez, de passagem por uma das cidades que margeava a famosa Rodovia Castelo Branco, fui parar como de costume, no terminal rodoviário, pois é lá que, pela experiência adquirida como andarilho, a gente consegue alguns trocados.

Em dado momento, fui abordado por uma senhora, Assistente Social, que me convidou para ir ao abrigo da prefeitura, pois lá poderia tomar um banho, vestir roupas limpas, tomar um prato de sopa e dormir numa cama limpa. Como estava com muita fome e fétido, aceitei prontamente o convite.

Lá chegando, fui informado que a oferta recebida pela assistente social seria apenas por uma noite, pois o regulamento do albergue não permitia o pouso por mais de um dia. Diante das minhas condições, aceitei prontamente.

Tomei um banho, vesti roupas limpas e em seguida fui encaminhado ao refeitório. Foi servida uma deliciosa sopa, que eu devorei em pouquíssimo tempo e ainda repeti, pois

fazia muitos dias que eu não me alimentava adequadamente.

No outro dia, bem cedo foi servido um café reforçado e, de posse de minha matula, caí nas ruas novamente.

A necessidade de beber era muito grande; então, retornei as minhas andanças, batendo “cascudo” (palmas, termo usado pelos alcoólatras) de porta em porta, esmolando para sustentar meu vício.

Quando conseguia alguns trocados comprava uma garrafa de pinga. Já estava bebendo até três litros daquela maldita droga. Vez ou outra, quando podia e a fome apertava, comia alguma coisa.

Dormia nas praças públicas, debaixo das marquises de prédios, enrolado em jornais que catava nas ruas e em cima de papelões tirados de caixas de supermercados. Quando possível, eu tomava banho nas fontes das praças ou em banheiros públicos.

Assim os anos se passaram. Eu já contava com quarenta anos e estava na mesma vida: ora nas ruas, ora nos albergues e, outras vezes, preso por vadiagem. Encontrava-me agora muito doente, ou como se diz comumente, no “fundo do poço”.

Certa vez, de passagem por uma cidade do Oeste Paulista, juntei-me a um grupo de “trecheiros” (termo usado pelos alcoólatras que vivem nas estradas), que estava numa praça. O grupo era composto por seres que faziam parte do mesmo infortúnio meu, ou seja, alcoólatras, companheiros ideais para bebermos juntos.

Naquela noite, após bebermos em demasia, dois daqueles trecheiros começaram a discutir por questões fúteis e, no calor daquela briga, um deles esfaqueou o outro bem na minha frente e fugiu.

Desnorteados, tentei socorrer aquele jovem, que aparentava ter uns vinte e cinco anos, mas ele veio a falecer em meus braços.

Nesse meio tempo, a polícia foi chamada e fomos todos para a delegacia. Felizmente, o fato foi esclarecido pelos demais, pois relataram que o verdadeiro autor do delito tinha fugido; depois das formalidades legais, fomos dispensados, voltando todos para a praça que era nosso reduto principal. Depois de me aconchegar em um dos bancos da praça consegui dormir, ou seja, desmaiar, pois o alcoólatra não dorme.

Capítulo V

E foi assim, de cidade em cidade pelo interior do estado, que eu vim parar em Tupã. Depois de ter esmolado o dia inteiro, consegui comprar uma garrafa de pinga e fui me acomodar numa praça conhecida como “Dom Bosco”. Aquela noite não foi diferente das outras; bebi toda a garrafa de pinga e desmaiei num dos bancos.

Foi ali, no outro dia de manhã, que eu tive a felicidade de saber, por meio de outro andarilho, que em frente à praça havia um hospital chamado “Hospital Espírita Maria de Nazaré”, hospital este que acolhia alcoólatras, drogados, psicóticos e andarilhos.

Naquele momento eu tomei a decisão mais importante da minha vida: procurar ajuda, pois eu já estava muito doente e cansado de sofrer.

Atravessei a rua e fui bater na porta do hospital, que como uma porta divina se abriu para mim, dando-me condição de internação.

Assim que cheguei ao hospital fiquei internado na ala dos dependentes químicos recebendo o tratamento adequado para me desintoxicar; recebia a visita, todo dia, de um grupo de pessoas que me aplicavam passes reconfortantes que, naquela oportunidade, eu não entendia o que era, mas me faziam muito bem. Sentia-me mais leve, mais confiante.

Com o decorrer dos dias, fui melhorando e recuperando as minhas forças. Os médicos me disseram que meu organismo era forte e que, embora eu estivesse debilitado, nenhum órgão vital tinha sido lesado. Foi numa dessas visitas do grupo que me aplicava passe que eu conheci o Roberto.

Roberto falou-me do grupo de apoio e disse que, se eu almejasse a “cura”, poderia frequentar tal grupo. Explicou que, no grupo, eu iria aprender o que é o alcoolismo, suas nuances e como me livrar desta maldita doença.

Explicou-me, ainda, que as reuniões aconteciam três vezes por semana, às quinze horas, com duração de uma hora e funcionava na sala de terapia ocupacional. Não era obrigado, mas se eu quisesse conhecer a proposta do grupo, era só aparecer.

Já faz seis meses que estou aqui participando do grupo de apoio, mas, até então, não tive coragem de falar; somente hoje senti ser o dia da minha libertação.

Comecei a entender, por intermédio do grupo e das explicações dadas pelo Sr. Roberto, que eu sou um “doente alcoólatra” e que a conscientização é fundamental para a libertação do alcoolismo.

Foi nesse grupo que entendi a importância de evitar o primeiro gole, de mudar os hábitos e de frequentar grupos de apoio.

O silêncio era total no recinto e alguns não se contiveram, deixando as lágrimas rolarem pelas faces emudecidas.

Epílogo

Tomei a palavra novamente e parabenizei nosso companheiro Antônio, pela atitude de ter se reconhecido um “alcoólatra”. Depois dos comentários de ordem geral, solicitei a um dos participantes que fizesse a prece de encerramento, dando por finalizada a reunião.

Passaram-se alguns meses, e Antônio continuava firme em nossas reuniões, participando ativamente, dando seus valiosos depoimentos.

Certo dia, no decorrer de uma das reuniões, Antônio solicitou a palavra e, todo eufórico, comunicou-nos que deixaria o hospital, pois a direção do mesmo tinha descoberto, junto ao departamento jurídico, que Antônio era herdeiro de toda a fortuna de seus pais, que faleceram já há algum tempo, deixando todo o espólio para seu único filho.

A alegria tomou conta do recinto e todos cumprimentaram Antônio pelo ocorrido. Depois de mais alguns depoimentos, Roberto solicitou a Antônio que encerrasse a reunião com uma prece.

Alguns anos se passaram desde que Antônio nos deixou. Nós continuávamos no nosso singelo trabalho, junto aos hospitais psiquiátricos, quando tivemos uma grande surpresa: recebemos uma carta de Goiânia-Go, tendo como remetente o Sr. Antônio Alves. Transcrevo, na

íntegra, para todos os meus queridos leitores, a carta recebida de Antônio:

“Prezado irmão Roberto: saudações.

Não poderia jamais esquecer o que vocês fizeram para mim nesse abençoado hospital. Foi por meio do bendito grupo de apoio que eu nasci de novo. Foi junto a vocês que pude compreender que eu sou um “doente alcoólatra”, mas agora, totalmente recuperado, com a graça de Deus, nosso Pai.

Hoje estou casado, tenho uma esposa maravilhosa, duas lindas filhas e um menino que recebeu o nome de “Roberto” em homenagem a você, irmão e amigo. O mais importante que eu queria relatar é que conheci aqui em Goiânia, uma Casa Espírita que frequentamos há mais de três anos e estamos, eu e minha família, incorporados aos trabalhos desta casa.

No decorrer destes anos, tive a bênção de Deus de fundar o Movimento Espírita de Recuperação de Alcoólatras de Goiânia (MERAG), cuja coordenação está a cargo de minha humilde pessoa e temos a oportunidade de atender todos os irmãos que batem em nossa porta: alcoólatras, drogados, bem como andarilhos.

Hoje estou com sessenta e seis anos; passei muitas necessidades e dificuldades em minha vida, mas que serviram para alicerçar o meu futuro. Estou muito feliz, espero que Deus me abençoe e me dê forças para

*continuar trabalhando em prol de meus irmãos
"alcoólatras". Espero sua visita em nossa casa.*

De um alcoólatra em recuperação.

Goiânia, 15 de fevereiro de 2015.

Antônio Alves"

Obs.: Alguns dados, tais como o nome da praça e o nome das cidades, são autênticos. As datas e os nomes das pessoas são fictícios. Se houver alguma semelhança com algum fato, é mera coincidência.

O Autor.

Pequena autobiografia



Nasci em uma pequena cidade do interior paulista, conhecida como Lucélia, em 1949. Tive a bênção de Deus de nascer em um lar espírita e cresci frequentando as aulas de moral cristã.

Quando jovem, já morando em Tupã, apaixonado por música, nos idos de 1965, junto com alguns amigos formamos uma pequena banda, que recebeu o nome de “Excels” e na qual permaneci até 1968.

Em 1969, servi o “Tiro de Guerra”. Em 1970, já de posse de minha carteira de reservista, fui para a capital São Paulo, mais precisamente em São Bernardo do Campo. Como todo jovem daquela época, fui em busca da minha vida profissional, mas em nenhum momento abandonei a Doutrina dos Espíritos.

Em São Bernardo do Campo, comecei a trabalhar e, depois de alguns empregos, passei a trabalhar na Prefeitura Municipal onde exerci, por dezessete anos, o cargo de Inspetor de Rendas Municipal. Nesse espaço de tempo, cursava Administração de Empresas.

Em 1973, casei-me com a jovem Stella e desta união recebemos duas lindas filhas: Débora e Cristiane. Em 1984, tive a oportunidade de conhecer a Casa Espírita “CEOS” - Centro Espírita Obreiros do Senhor - que considero uma Universidade Espírita onde tive a oportunidade de aprender muito sobre a Doutrina. Foi nesta instituição, que tive a bênção de conhecer o “DESAATT”. Frequentei este grupo durante seis anos, quando retornei a Tupã onde tivemos a oportunidade de, com a graça de Deus, fundarmos um grupo nos mesmos moldes do DESAATT de São Bernardo do Campo, que por uma incrível coincidência recebeu o nome de “DESAT”, -Departamento de Socorro aos Alcoólatras de Tupã - com o qual colaboramos por nove anos.

Desta experiência nasceu o nosso primeiro Livro “Alcoolismo, ‘Cura’, através da Conscientização”, que já se encontra na 2ª edição e cujos Direitos Autorais foram doados à AAPEHOSP.

Hoje, encontro-me com sessenta e seis anos de idade e destes, vinte e cinco anos são de serviços prestados a comunidade tupãense no trabalho de libertação de nossos irmãos Alcoólatras, como tarefeiro na “AAPEHOSP”, na qual trabalhamos nos mesmos moldes do DESAATT e DESAT. Profissionalmente, desempenho a função de

Agente de Fiscalização Municipal de Rendas na Prefeitura Municipal da Estância Turística de Tupã (SP), há vinte e quatro anos.

Dbmarins.

Informações adicionais

MUNDO DE MARIA é a Associação das Entidades Assistenciais que abrange a AAPEHOSP, Casa do Garoto e Casa da Prece Chico Xavier.

CASA DO GAROTO - ASSOCIAÇÃO ASSISTENCIAL JOANA D'ARC fundada em 07 de junho de 1958, atende hoje 110 crianças, em dois turnos, em regime de creche, onde as crianças do turno da manhã estudam à tarde na rede Municipal de Ensino. Lá recebem café da manhã, atividades esportivas, banho, almoço e seguem para suas atividades escolares. As crianças do turno da tarde chegam à Casa do Garoto, vindas de suas atividades escolares e lá recebem almoço, horário de descanso, café da tarde e fazem atividades esportivas.

CASA DA PRECE CHICO XAVIER - Casa divulgadora da Doutrina Espírita, dando apoio espiritual às outras entidades formadas pelo MUNDO DE MARIA.

Unidas, as três entidades prestam assistência à comunidade Tupãense; ressalto que, embora sejam entidades espíritas, em momento algum a religiosidade de cada um dos assistidos ou das famílias auxiliadas é um critério para o atendimento, e sim a necessidade de cada pessoa ou família.

AAPEHOSP - Associação Amigos de Pacientes de Hospitais Psiquiátricos, fundada em agosto de 1999, é uma

entidade Espírita que hoje conta com 240 assistidos, divididos em três unidades, a saber:

Unidade Chácara - Assiste irmãos com problemas mentais (psicóticos).

Unidade Fazenda - Assiste pacientes, oferecendo dignidade através da plasticultura (plantio protegido) de hortaliças as quais são vendidas para se transformarem em fonte de renda para a entidade e, ao mesmo tempo, abastecendo a própria entidade.

Unidade Sítio - Assiste pacientes com problemas de alcoolismo e drogas.

Ainda conta a entidade com as “Casas terapêuticas” que são casas onde os assistidos em efetiva recuperação - que já podem trabalhar e manter suas famílias - trabalham fora, mas sempre sob o olhar amoroso da Entidade.

Conta ainda com as seguintes fontes de rendas que são os principais recursos financeiros para a manutenção da casa:

MARIART - Loja de Artesanato que conta com produtos de cama ,mesa e banho e linha baby.

VIVEIROS DE MUDAS FLORES DE MARIA que produz e vende no atacado e a varejo mudas de árvores ornamentais, frutíferas e nativas.

Glossário

DESAATT – Departamento de Socorro Ante Álcool Tabagista e Toxicômano. Funciona como um departamento do CEOS- Centro Espírita *Obreiros do Senhor*. - Rua General Craveiro Lopes, 195 – Rudge Ramos. São Bernardo do Campo – (SP) – 09740-630. Telefone – (11) 4362-0863

DESAT – Departamento de Socorro aos Alcoólatras de Tupã. Funciona como um departamento do Instituto de Assistência e Difusão Espírita. - Rua Assur Bitencourt, 879 – P. Bela Vista - Tupã – (SP)

AAPEHOSP – Associação dos Amigos dos Pacientes Egressos dos Hospitais Psiquiátricos. Rua Irmã Amália, 120-A- – Tupã (SP) - Telefone – (14) 34967235

GEDAAI – Grupo Espírita de Recuperação de alcoólatras Anjo Ismael - Endereço: Rua Tupis, 722 – centro – Tupã – (SP)

MERA - Movimento Espírita de Recuperação de Alcoólatras - Endereço: Rua Assur Bitencourt, 879 – Parque Bela Vista – Tupã (SP)